



*235 anos de
história*

DIA DA ACADEMIA MILITAR



“...Senhor, eu não ambiciono riquezas; eu não quero carreira fácil; senhor, eu quero apenas cumprir o meu dever.”

Palavras do fundador da Escola do Exército, Bernardo de Sá Nogueira

PROGRAMA

10.01.2025

07H00 - 23H00

Bemposta 1850: O Paço da Bemposta, cerca de 1850 (seria ocupado pela escola do exército a partir de 1851).



+07H00

Alvorada festiva

+08H00

Hastear da Bandeira Nacional na AM-Lisboa e Amadora

+09H30

Missa de Sufrágio pelos Antigos Alunos e servidores da AM já falecidos

+12H00

Cerimónia de Inauguração do Retrato do Anterior Comandante, MGen Loureiro Magalhães

+14H15

Guarda de Honra (GH) pronta no Paço da Rainha.

+14H45

Chegada da Alta Entidade que preside à cerimónia ao Paço da Rainha e prestação de Honras Regulamentares;

+15H00

Cerimónia de Homenagem aos Antigos Alunos Mortos ao Serviço da Pátria
Formatura Geral pronta, na Parada "Capitão Simões de Sousa"

+15H30

Cerimónia Militar:
- Continência das Forças em Parada à Alta Entidade
- Integração do Estandarte Nacional na Formatura
- Alocução pelo Exmo. Comandante da Academia Militar
- Alocução pela AE que preside à Cerimónia
- Imposição de Condecorações
- Desfile das Forças em Parada

+16H30

Fim da Cerimónia Militar

+16h35

Inauguração da Exposição "O Aquartelamento da Academia Militar da Amadora – da Fundação à Atualidade"

+17H00

Assinatura do Livro de Honra, no salão Nobre/Sala dos Presidentes

+17H30

Arriar da Bandeira Nacional

+19H30

Jantar de Confraternização dos Antigos Alunos

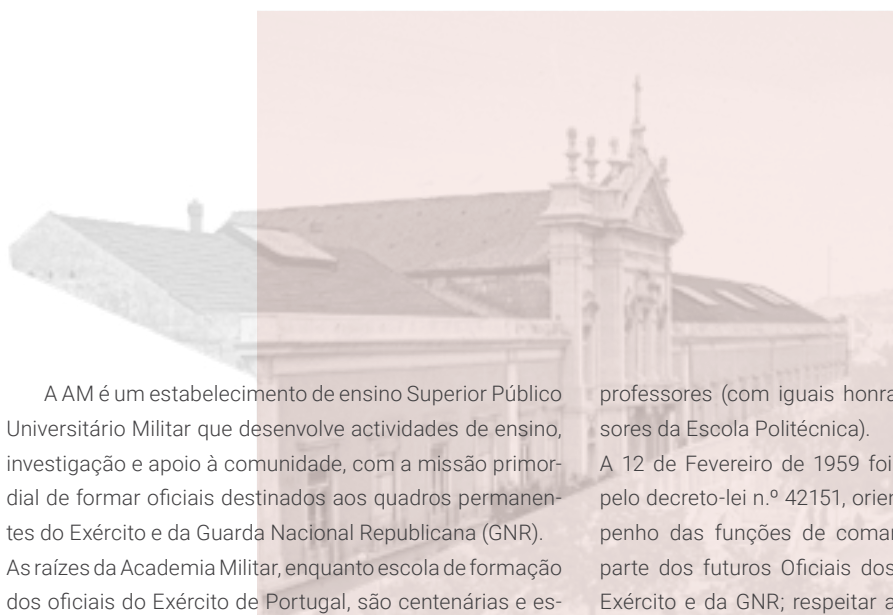
+20H30

Café no Bar de Alunos

+23H00

Fim das comemorações

A CADEMIA MILITAR



A AM é um estabelecimento de ensino Superior Público Universitário Militar que desenvolve actividades de ensino, investigação e apoio à comunidade, com a missão primordial de formar oficiais destinados aos quadros permanentes do Exército e da Guarda Nacional Republicana (GNR).

As raízes da Academia Militar, enquanto escola de formação dos oficiais do Exército de Portugal, são centenárias e estão indelevelmente associadas à Escola de Vila Viçosa, criada em 1525 por D.Teodósio, 5º Duque de Bragança. Designada também por Escola de Ensino Militar, era “destinada a preparar os nobres para o exercício da arte militar onde lhes caberia, por inerência do seu estatuto, ser chefes” e onde se ensinavam “humanidades, esgrima e equitação”. A nova Escola do Exército, que ocuparia as atuais instalações no Palácio da Bemposta, em Janeiro de 1851, tinha já então equiparação à universidade portuguesa no que se refere ao método de ensino, às disciplinas e aos seus

professores (com iguais honras e categorias aos professores da Escola Politécnica).

A 12 de Fevereiro de 1959 foi criada a Academia Militar, pelo decreto-lei n.º 42151, orientada no sentido do desempenho das funções de comando, direcção e chefia por parte dos futuros Oficiais dos Quadros Permanentes do Exército e da GNR; respeitar as tradições, sem deixar de construir novos caminhos sustentados pela investigação, inovação e criatividade; cultivar os valores da Honra, do Patriotismo, do rigor, da excelência e da novação enquanto “ pilar de cidadania e civilidade”, sem deixar de se constituir num espaço aglutinador e integrador do conhecimento e em especial das ciências militares; e a contribuir para a cooperação internacional e para a aproximação entre os povos (em especial dos PALOP), sem deixar de prestar serviços à comunidade e de apoio ao desenvolvimento.

Bernardo de Sá Nogueira de Figueiredo, nasceu a 26 de Setembro de 1795 em Santarém e assentou como praça voluntário a 4 de Abril de 1810, no Regimento de Cavalaria n.º 11 em Queluz.

Promovido a Alferes em 15 de Dezembro de 1810, foi colocado no Regimento de Cavalaria n.º 10 e, posteriormente, como Tenente, passou a servir no Regimento de Cavalaria n.º 4, sediado na Calçada da Ajuda em Lisboa, de onde marcharia para os combates da Guerra Peninsular.

Participou com bravura e distinção nas batalhas da Guerra Peninsular, tendo inclusivamente sido ferido em combate, com consequências ao nível da audição. Em França, foi ferido a 13 de Março de 1814 e dado como morto no campo de Vieille (perto de Tarbes), tendo sido posteriormente feito prisioneiro. Libertado do cativo, voltou a Portugal em 1815 e estudou na Academia Real de Marinha, na Academia Real de Fortificação Artilharia e Desenho e na Universidade de Coimbra (matemática e filosofia) entre 1816 e 1819, ano em que foi promovido a Capitão e em que comandou uma companhia do seu Regimento de Cavalaria n.º 4. Em 1820 declarou-se como liberal e depois de ter sido preso esteve exilado em França, onde estudou química com Gay-Lussac e Cuvier, Blainville e Saint-Hilaire. Estudou ainda engenharia em Paris e em Londres, regressando a Portugal em 1824 como fidalgo da Casa Real. Em 1828 foi graduado com distinção a Major do Real Corpo de Engenheiros, recomendado pelas acções de Arronches, Coruche e Ponte do Prado (perto de Braga). A 8 de Setembro de 1832, como Tenente-Coronel e governador militar do Porto e no comando das tropas, defendeu as posições de Vila Nova de Gaia (Serra do Pilar no sítio do Alto da Bandeira) das tropas miguelistas. Inicia a sua carreira política onde viria a ser Ministro da Guerra e, enquanto tal, criaria a Escola Politécnica em 11 de Janeiro de 1837 e no dia seguinte, a 12 de Janeiro, a Escola do Exército (para além da Academia Politécnica do Porto, da Academia de Belas Artes e do Conservatório Dramático). Foi Presidente do Conselho de Ministros por cinco vezes, tendo sido nomeado para pastas ministeriais por 29 vezes e 5 para a presidência. Respeitador do sistema parlamentar, foi ainda um defensor acérrimo da abolição da escravatura. Faleceu a 6 de Janeiro de 1876 em Lisboa. Foi distinguido com os títulos de Barão (1832), de Visconde de Sá da Bandeira (1834) e de Marquês de Sá da Bandeira (1864).

**“ FOI SOLDADO DESDE 4 DE ABRIL
DE 1810; COMBATEU PELA
INDEPENDÊNCIA
DA PÁTRIA;
COMBATEU PELA
LIBERDADE
SERVIU O
SEU PAÍS,
SERVINDO
AS SUAS CONVICÇÕES,
MORRE SATISFEITO: A PÁTRIA
NADA LHE DEVE.”**



Entre as inúmeras condecorações com que o notável estadista e valoroso militar foi agraciado, destacam-se a Ordem Militar da Torre e Espada (grau de oficial em 1832 e de Comendador em 1860), a Ordem de Cristo e a Medalha de Ouro das quatro Campanhas da Guerra Peninsular. Aquando da sua morte, Alexandre Herculano proclamou: *“O País acaba de perder o português mais ilustre do nosso século”*.

“SENHORA! HE TEMPO DE INSTRUIR OS OFFICIAES DO EXERCITO PORTUGUEZ DE UM MODO COMPLETO: HE TEMPO QUE ELLES ADQUIRAM CONHECIMENTOS CAPAZES DE LHES SERVIREM DE SEGURA BASE PARA SE DESENVOLVEREM DEPOIS NA PRATICA DAS SUAS HONROSAS FADIGAS, E DAS SUAS DIVERSAS RELAÇÕES DE SERVIÇO, DE TAL MODO, QUE NÃO SOMENTE POSSAM CORRESPONDER AOS DEVERES DE CADA POSTO, NAS SUAS RESPECTIVAS ARMAS, MAS SE HABILITAREM DIGNAMENTE PARA OS PRINCIPAES COMMANDOS.”

Ordem do Exército n.º 5, de 20 de Janeiro de 1837

• **Escola do Exército**, entre 1837 (decreto de 12 de Janeiro) e 1910 – correspondendo ao período que vai da fundação até à implantação do regime republicano em Portugal. Foi alvo de algumas reformas, com destaque para a de 1863 que dotou a escola com mais e melhor pessoal e desenvolveu o ensino prático; e em 1890 implementou-se uma nova organização com 19 cadeiras e a criação do curso superior de guerra, em substituição do antigo curso de estado maior. Neste período “modificaram-se por completo os meios de combater; apareceram as armas de precisão e as bôcas de fogo de carregar pela culatra; a fortificação sofreu profunda remodelação; as vias férreas e os telégrafos, cortando e abraçando os território nas suas malhas, alteraram a estratégia.”;

• **Escola de Guerra**, entre 1911 e 1919 (decreto de 25 de Maio) – marcada pela República, pela adopção da forma miliciana de serviço militar e pela necessidade de formação de grande número de oficiais do quadro permanentes oficiais que seriam enquadrados nas forças do Exército Português que participaram na primeira Guerra Mundial (1914-1918), em França e em África.

Esta situação dividiria o corpo de oficiais do Exército, com conflitos que dariam inclusivamente origem a que milícias armadas matassem sentinelas e cadetes na Escola, no dia 15 de Maio de 1915. Estes incidentes levaram à criação de um movimento conhecido como “Cadetes de Sidónio”, em Dezembro de 1917. Altera-se a finalidade da Escola, passando a destinar-se exclusivamente ao estudo das ciências militares, tendo sido suprimido o curso de engenharia civil e generalizada a duração dos cursos a dois anos.



Jovens Militares



Escola do Exército



Escola do Guerra

• **Escola Militar**, entre 1919 (decreto n.º 5.787-4, de 10 de Maio) e 1938 – corresponde ao período entre as duas guerras mundiais. Foi marcada pelo “verdadeiro e intenso espírito republicano”, pelo maior desenvolvimento do estudo das questões coloniais, e pela grande evolução das ciências militares, provocada sobretudo pela primeira Guerra Mundial. Como estabelecimento de ensino superior destinado ao ensino das ciências militares, passou a ter 37 cadeiras (para além do ensino prático da línguas francesa, inglesa e alemã), que faziam parte integrante dos seguintes cursos: Estado-maior (3 anos); Engenharia Militar (4 anos); Artilharia a pé (4 anos); Artilharia de campanha (3 anos); Cavalaria (3 anos); Infantaria (3 anos); Administração Militar (3 anos).



Escola Militar



Academia Militar

• **Escola do Exército**, entre 1938 e 1959 (Nota n.º 1809, de 26 de Julho de 1938, do Gabinete do Ministério da Guerra) marcada pela segunda Guerra Mundial, pela Guerra-Fria e pelo profundo sentimento nacionalista. De acordo com o disposto no decreto-lei n.º 30.874, que regulamenta a organização e funcionamento da nova Escola do Exército, passaram ser lecionadas 22 cadeiras, distribuídas pelos seguintes cursos: Infantaria, Cavalaria, Aeronáutica, Artilharia, Engenharia Militar e Administração Militar.



Escola do Exército



Real Colégio dos Nobres

A 12 de Fevereiro de 1959 foi criada a Academia Militar, pelo decreto-lei n.º 42.151, no âmbito de um quadro associado à “necessidade de unificar, tanto quanto possível, a preparação dos oficiais dos três ramos das forças armadas e estabelecer entre eles uma estreita camaradagem”

A Academia Militar passou a ministrar os seguintes cursos (todos com a duração de 4 anos com excepção das engenharias, com a duração de 7 anos – os três últimos frequentados no Técnico, seguidos de um tirocínio): Infantaria, Artilharia, Cavalaria, Transmissões, Engenharia Militar, Engenharia Electrotécnica Militar, Engenharia Mecânica Militar, Administração Militar, Aeronáutica Militar e Engenharia Aeronáutica Militar. A nova Academia Militar seria influenciada directa e indirectamente pela Guerra do Ultramar, entre 1961 e 1974, tendo formado neste período mais de 1126 “oficiais determinados, disciplinados, competentes e humildes”, que administraram e combateram em diversos teatros de operações, de Angola a Moçambique, passando pela Guiné.



Para a Academia Militar, o ano de 1992/93 foi marcado pela admissão das primeiras alunas, processo que se desenvolveu com toda a naturalidade, a par da admissão dos primeiros alunos da Guarda Nacional Republicana em 1991. Entre 1992 e 1996 a Academia assumiria o ano de Formação Geral comum, com a frequência do primeiro ano, no destacamento da Amadora, por alunos dos três ramos das Forças Armadas e da GNR. Dois anos depois, em 1998, a Academia admitia os primeiros 17 alunos do novo curso de Medicina, numa opção clara por um novo modelo de formação inicial para os cursos de saúde. O pólo do Aquartelamento da Academia Militar, sediado na Amadora, vem sendo utilizado pela Escola do Exército e pela Academia Militar desde 1951, maioritariamente pelos alunos mais jovens. A opção pelos terrenos da Amadora, teve relação directa com o crescimento urbano da cidade de Lisboa e com a falta de espaço da Academia Militar (Lisboa) para as suas instruções práticas e mesmo para habitabilidade de um número mais elevado de alunos. Seguiu-se a modernização dos Campus da Amadora e de Lisboa; a integração no sistema universitário português e europeu; a participação na Fundação das Universidades Portuguesas; a criação do primeiro centro de investigação (CINAMIL - Centro de Investigação da Academia Militar) e passou a ser um estabelecimento de ensino superior universitário militar, integrado no Instituto Universitário Militar (IUM) como unidade orgânica autónoma universitária, na dependência hierárquica do Chefe do Estado-Maior do Exército.

AFIRMAR A ACADEMIA MILITAR COMO ESCOLA DE FORMAÇÃO DE COMANDANTES E INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR PÚBLICO UNIVERSITÁRIO MILITAR DE REFERÊNCIA NACIONAL E INTERNACIONAL, PELA EXCELÊNCIA E ESPECIFICIDADE DO SEU ENSINO, INVESTIGAÇÃO E SERVIÇO À COMUNIDADE, EM PARTICULAR NOS DOMÍNIOS DE ESPECIAL INTERESSE PARA A SEGURANÇA E DEFESA.



Academia Militar - Lisboa, Rua Gomes Freire

A História da EE e da AM lega-nos exemplos ímpares de um acompanhamento do que de melhor se fazia e faz na Europa e, simultaneamente, de um cuidado permanente na adaptação à especificidade nacional, fatores facilmente traduzidos nas sucessivas gerações de líderes nacionais que, ao longo de mais duzentos e trinta e cinco anos, construíram o forte lastro histórico de que todos nos honramos.

Entre as suas tradições, encontramos os Patronos dos diferentes cursos que constituem Tradição e Fator de Coesão de sucessivas gerações de jovens Oficiais marcados pelo ideal de servir Portugal

As tradicionais cerimónias do dia da Academia Militar que acontecem a 12 de Janeiro de cada ano, do Aniversário da Morte do Marquês de Sá da Bandeira (a 6 de Janeiro de cada ano), da Homenagem aos Mortos pela Pátria, da Abertura Solene do Ano Lectivo, da Entrega (e Bênção) das Espadas, do Compromisso de Honra (ao Código de Honra do Aluno), da Apresentação da Bandeira Nacional (representada pelo estandarte da Academia Militar), da imposição das insígnias, do Baile de Finalistas e do Juramento de Bandeira, entre outras, marcam indelevelmente os cadetes para o resto das suas vidas enquanto oficiais de carreira do Exército e da GNR.



Forças em Parada - AM Lisboa

A Academia Militar continua a construir o futuro hoje, tendo por referência a Espada e o Livro do seu Brasão de Armas, com novos currículos adaptados aos novos tempo



Academia Militar - Amadora

CADA UNIDADE MILITAR É IDENTIFICADA ATRAVÉS DE UM BRASÃO DE ARMAS, NUMA TRADIÇÃO HERÁLDICA QUE REMONTA À ANTIGA CAVALARIA MEDIEVAL

O Brasão de Armas da Academia Militar distingue-se por um escudo onde está inserido um leão rampante, segurando na garra dianteira direita uma espada antiga e na garra dianteira esquerda um livro aberto, simbolizando a força, o conhecimento. Oficiais aqui formados. As cores predominantes no Brasão têm o seguinte simbolismo: ouro, nobreza e pureza; prata, riqueza e eloquência; e vermelho, ardor bélico e força. Destaca-se também sob o Brasão, a condecoração com o grau de Cavaleiro da mais alta condecoração nacional, a Ordem da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito, bem como a sua divisa **"DULCE ET DECORUM EST PRO PATRIA MORI"**, significando "é doce e honroso morrer pela Pátria", exortando os jovens Cadetes a combaterem e, se necessário for, com o sacrifício da própria vida. A divisa, que corresponde ao verso 13 da Ode II

do Livro III das Odes de Horácio, exorta os jovens a combater e, se necessário, a morrer pela Pátria.

Armas:

- Elmo militar, de prata, forrado de vermelho, a três quartos para a dextra;
- Correia de vermelho, perfilada de ouro;
- Paquife e Virol de vermelho e ouro;
- Condecorações: circundando o escudo, a partir dos cantões dextro e sinistro do chefe, o colar de Cavaleiro da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito;



O ESTANDARTE NACIONAL À GUARDA DO CORPO DE ALUNOS DA ACADEMIA MILITAR.

Cada unidade militar tem à sua guarda uma Bandeira Nacional que se designa por Estandarte Nacional, diferindo daquela por ter uma forma quadrangular e pela inclusão da frase retirada dos Lusíadas "Esta é a ditosa Pátria minha amada", colocada sob o escudo nacional.

Na Academia Militar, o Estandarte Nacional é entregue à guarda do seu Corpo de Alunos, sendo transportado pelo seu aluno mais antigo e escoltado por outros três alunos especificamente selecionados. O Estandarte Nacional da Academia Militar, ostenta as mais altas condecorações nacionais e estrangeiras, como reconhecimento do mérito na formação de líderes militares, cujo contributo foi essencial para a independência e desenvolvimento da Nação, nomeadamente:

- Cavaleiro da Ordem Militar da Torre e Espada (1935)
- Medalha de Mérito Militar do Brasil (1955)
- Grã-Cruz da Ordem do Mérito Militar de Espanha (1960)
- Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique (1961)
- Membro Honorário da Ordem de Santiago da Espada (1984)



- Membro Honorário da Ordem Militar de Avis (1987)
- Medalha de Ouro de Serviços Distintos de Segurança (2010)
- Membro Honorário da Ordem da Instrução Pública (2013)

A cidade de Lisboa foi o berço das Escolas antecessoras da Academia Militar, desde 1641, constituindo o Paço da Bemposta a sua sede desde 1851.

Desde então, e apesar dos vários acontecimentos marcantes da História da Academia Militar, da Instituição Militar e do País, a Academia manteve-se numa área crescentemente central da capital. O seu património foi assim reforçado ao longo do tempo e das sucessivas gerações de oficiais.

A 12 de Janeiro de 2012, aquando das comemorações dos 175 anos da Escola do Exército, a Academia Militar continuava sedeadada em dois pólos, respectivamente no centro da cidade de Lisboa, o Paço da Bemposta onde se encontram o comando e as instalações de apoio aos alunos de Medicina e Engenharias, que complementam a sua formação nos pólos Técnicos e Superiores de Lisboa. Entretanto, o aquartelamento da Amadora passou a ser ocupado, enquanto pólo da Academia Militar, a partir de 1951, fundamentalmente por razões de funcionalidade e de habitabilidade, mas sempre em complemento das instalações da sede.

Relativamente ao ensino e formação no que ao Exército se refere, a Academia Militar confere o grau de mestre em Ciências Militares, nas especialidades de Infantaria, Artilharia, Cavalaria e em Administração Militar. Relativamente à Guarda Nacional Republicana, o jovem Comandante é mestre em Ciências Militares na especialidade de Segurança e em Administração da GNR. Comum às duas forças militares, o grau de mestre em Engenharia Militar, Engenharia Electrotécnica Militar, nas especialidades de Transmissões e de Material, e Engenharia Mecânica Militar. A Escola de oficiais contribui ainda, e de forma específica, para o desenvolvimento da dimensão militar dos oficiais médicos, em programa de tempo longo de sete anos, conferindo o diploma do curso de formação militar complementar, integrador dos mestrados em Ciências Farmacêuticas, Medicina, Medicina Dentária e Medicina Veterinária.

Bibliografia

Texto de "Edição Comemorativa da Academia Militar, Lisboa 2004 - Tenente Coronel de Artilharia João Vieira Borges.

Resumo histórico da Academia Militar, Borges (2004), João Vieira.

Viver Academia Militar - Os 175 anos da Escola do Exército, Tenente-Coronel Art Carlos Mendes Dias & Tenente GNR Medicina, Bruno José Almeida Carvalho.

Website: Academia Militar/Sobre a AM

Fotos de: Relatório da Academia Militar | CAVE



Academia Militar da Amadora - Entrada Principal



ACADEMIA MILITAR

Academia Militar - Lisboa

Gabinete do Comandante

Edifício da Academia Militar de Lisboa, Rua Gomes
Freire, 1169-203 - Lisboa - Portugal

ACADEMIA MILITAR - AMADORA

Edifício da Academia Militar de Lisboa, Av. Conde
Castro Guimarães, 2720-113 Amadora, Portugal

CONTACTOS

Telefone: (+315) 213 186 900

Extensão Militar: 415 600

am@exercito.pt | www.academiamilitar.pt

Folheto Informativo
do Dia da Academia